

Artigo 1

TEMA: INTEGRAÇÃO

Guiado por cegos

João Vicente Ganzarolli de Oliveira

RESUMO

Este artigo inspira-se na visita que fiz à Association Valentin Haüy, por ocasião da minha estada em Paris, durante o mês de setembro de 2000. Considero que todo processo de integração social da pessoa cega precisa partir de uma compreensão objetiva da cegueira.

ABSTRACT

This article is inspired by my visiting the Association Valentin Haüy, during my stay in Paris, in September 2000. I consider that every process of social integration of the blind needs to be based on an objective understanding of blindness.

I n t r o d u ç ã o

Monie Meziane, comediante cega, conta que “o primeiro conselho que eu poderia dar consistiria sem dúvida em recomendar a prudência. Com efeito, no meio do espetáculo ao vivo, um não-vidente pode rapidamente ser considerado como uma atração mais do que um artista por inteiro. O segundo seria um convite a ler, reler e meditar sobre uma reflexão de Bertold Brecht, da sua peça *Grande medo e miséria do III Reich*: ‘Uns escutam e os outros se calam. E eu, será que também devo me calar?’”

“A solução parece estar no meio-termo”, disse-me o Sr. Luis Ciccone, durante a conversa que tivemos por ocasião da visita que fiz à Association Valentin Haüy, em Paris, no dia 8 de setembro de 2000. Ex-presidente da principal instituição francesa que se ocupa da cegueira, o Sr. Ciccone referia-se à necessidade de que as particularidades atinentes ao cego sejam encaradas de forma objetiva por parte da sociedade em geral. O meio-termo em questão tem como um dos extremos a serem evitados o preconceito, de origem remotíssima, que estigmatiza socialmente a cegueira, trazendo ao cego outro problema além da impossibilidade de ver: a segregação social; o outro extremo, não necessariamente menos prejudicial, mistifica falsamente a cegueira, transmitindo a idéia de que o cego pode ter um desempenho igual ou superior ao das pessoas videntes em situações nas quais o fato de não ver mostra-se, por natureza, uma desvantagem irrefutável.

Essa idéia equivocada comparece, por exemplo, no filme *Perfume de mulher*, de Martin Brest, onde assiste-se a um cego (interpretado por Al Pacino) conduzindo um carro em alta velocidade, percebendo a cor dos cabelos de uma mulher através do seu perfume etc. – todas elas atividades incompatíveis com a cegueira. Se a cegueira não é um obstáculo peremptório para a vida, tampouco deixa de ser uma forma (e grave) de deficiência sensorial. Todo e qualquer pronunciamento sobre a situação do cego, bem como da pessoa que tem visão subnormal, há de partir de uma análise objetiva da questão: se a natureza nos dotou de olhos, é necessário que prefiramos ver a não ver. Não nego que essa regra comporte exceções. Mas serão sempre de ordem circunstancial, como é o caso hipotético da personagem cega referida no filme *O passageiro - profissão: repórter*, de Michelangelo Antonioni, que, tendo recobrado a visão, descobre no mundo mais feiúra do que beleza e, desencantada, suicida-se. Há também o caso do filósofo pré-socrático Demócrito, que, se dermos crédito a Cícero, cegou-se voluntariamente “para que a agudeza do olho da mente não fosse diminuída pela visão do olho natural”.¹ Verdade ou lenda, fato é que tal atitude não contradiz a regra, o mesmo aplicando-se à personagem de Antonioni: são exceções a confirmarem a prerrogativa de que a visão é, por natureza, um bem – e dos mais importantes. E sua falta há de ser entendida como tal, para que possa ser remediada da melhor forma possível. Tal é a opinião que compartilhei com o Sr. Ciccone ao longo da nossa conversa.

O Sr. Ciccone fala com conhecimento de causa: ser cego não o impediu de profissionalizar-se como músico e conhecer a fundo a história da música; por outro lado, não o favoreceu. Sabe-se que, quando da ausência de um órgão sensório, a natureza humana tende a tornar os outros restantes mais precisos, justamente para atenuar os problemas daí decorrentes. Mas essa compensação nunca é completa, como seria o caso de uma eventual substituição. Assim, por exemplo, as mãos, por mais que possam ser consideradas “os olhos do cego”², nunca poderiam preencher as funções próprias dos olhos. Vale a recíproca: a um homem sem mãos, a visão perfeita não supre as necessidades que essa falta acarreta. Além do que, não se pode dizer que todas as pessoas portadoras de deficiência desenvolvem, forçosamente, esse processo de compensação – que, convém sublinhar, deve ser entendido como um mecanismo ou recurso atenuante.

No que tange particularmente à relação entre a cegueira e a musicalidade, note-se que ela nem sempre ocorre. Realmente, nas palavras de René Gouarné, cego e atual presidente da GIAA (*Groupement des Intellectuels Aveugles ou Amblyopes*), tem-se que “Os cegos não são mais músicos do que os videntes, ao contrário do que geralmente diz a opinião pública, baseada na falsa idéia de que a perda da vista é *compensada* [grifo do autor] por uma acuidade maior dos outros sentidos.”³

Complementando o contexto, cabe inserir o jovem artista lírico Bertrand Bontoux, que começa por dizer: “Nascido em 1967, eu ofereço o testemunho de trinta anos de felicidade sem ver. É um luxo? Em primeiro lugar, conheço o privilégio de não viver minha deficiência como uma frustração, tendo sempre sido tratado no meu ambiente sem sofrer qualquer forma de discriminação.”⁴

O sucesso no meio artístico deve-se unicamente ao seu talento e esforço pessoal no domínio do *métier*. Se Bertrand Bontoux, que canta como baixo profundo, é hoje muito requisitado para certos papéis operísticos, isso se deve também à raridade do seu registro vocal – não ao fato de ele ser cego, o que nos conduziria ao circuito sempre nocivo do vitrinismo. Ouçamo-lo mais uma vez: “Efetivamente, os verdadeiros baixos profundos são raros na França, e isso rapidamente me coloca na lista dos candidatos às audições, facilitando assim que eu me torne mais conhecido no meio (do canto lírico).”⁵

Quanto ao vitrinismo, é conveniente lembrar o exemplo extremo e paradigmático do inglês John (ou Joseph) Merrick, que viveu entre 1860 e 1890. Gravissimamente deformado por uma doença contraída no útero materno e desconhecida na época (hoje acredita-se que fosse um caso de síndrome de Proteus, e não de elefantíase ou de neurofibromatose, como já foi cogitado), ganhou parte da sua curta vida apresentando em público suas deformidades. Apelidado como homem elefante, tornou-se assim um dos *freaks* mais famosos que a história registrou. É o tema do filme *O homem elefante*, de David Lynch. Os versos seguintes, da autoria de Merrick, falam por si mesmos:

*“É verdade que a minha forma é um tanto estranha,
Mas culpar-me seria culpar a Deus;
Pudesse eu criar a mim mesmo novamente
Eu não falharia em agradar a você.
Se eu pudesse alcançar de um pólo a outro
Ou estender a palma da minha mão sobre o oceano,
Ainda assim eu seria medido pela alma;
O espírito é a medida do homem.”*⁶

Está fora de dúvida que o progresso tecnológico traz grandes benefícios para o portador de deficiência, seja ele/ela qual for, seja ele artista ou não, favorecendo a sua integração social. Andrea Bocelli deve ao menos em parte sua popularidade, hoje mundial, aos recursos da propaganda moderna e da indústria fonográfica, bem como à ajuda de personalidades já antes consagradas no próprio meio artístico, como Luciano Pavarotti. O que dizer de inventos revolucionários como a audiovisão, que, através da descrição oral das imagens visuais que comparecem no palco e na tela, permite aos cegos o acesso a obras teatrais e cinematográficas, antes terminantemente vetadas a quem não vê? E do *optacon* (Telesensory Systems Inc.), aparelho que, mediante recursos fotográficos, reproduz em linguagem tátil a forma das letras escritas sobre o papel?

Mas há circunstâncias em que esse mesmo progresso se revela um problema para os cegos, ao menos no referente à assimilação pelo mercado de trabalho. A substituição do homem pela máquina, iniciada com a Revolução Industrial, assume um ritmo cada vez mais assustador. A situação tende a se tornar delicada em praticamente todos os campos profissionais. Os próprios recursos modernos da informática, que tantos frutos benéficos trazem aos cegos, são ao mesmo tempo um agente redutor de possibilidades para eles. Tome-se o simples exemplo do cargo de telefonista – para o qual diversos países determinavam, por lei, que deveriam ser designados preferencialmente os cegos –, que, em muitas empresas, tem sido suprimido, dado que a instalação da moderna central telefônica torna a sua presença dispensável. Não por ser um telefonista que não vê, mas simplesmente por ser um telefonista; é como deve ser entendida esta frase de Nelly Deramont acerca do tema: “Uma central telefônica torna inútil a função do não-vidente”.⁷ Cabendo ainda aqui uma outra passagem da autora, ela mesma cega: “Se podemos dizer que a informática é providencial para os não-videntes da nova geração cujo cérebro, a memória, os dedos atenuam a falta da visão de uma forma como não se imaginava há trinta anos, e que uma porta se abriu para eles, é forçoso constatar que numerosas técnicas modernas, autômatos de todos os gêneros, substituíram o homem e fizeram desaparecer empregos dentre aqueles que os cegos podiam ocupar há vinte ou vinte e cinco anos.”⁸

“Muito ainda há por fazer”, disseram-me outras pessoas que trabalham na Association Valentin Haüy, como a Sr^a Marie-Françoise Arnould, o Sr. Didier Haas e o Sr. Jean Barbier. De fato assim é. A integração social dos cegos, para que ocorra, requer, antes de mais nada, uma compreensão objetiva do que venha a ser a cegueira. Não que todos nós necessitemos de uma definição precisa; mesmo porque os próprios especialistas consideram difícil e complexo definir a cegueira.⁹ O importante é ter em mente que ser cego constitui um impedimento de ordem acidental; não diminui o homem em sua essência. A cegueira, assim como toda e qualquer forma de deficiência é, a bem dizer, nada mais do que uma diferença. E diferenças, todos as temos. Calo-me aqui, dando a palavra a Philippe Chazal, organizador do livro *Les aveugles au travail*, também ele membro da Association Valentin Haüy e cego: pode-se esperar com Gilbert Montagné que “os parentes, amigos e mesmo simples conhecidos dos não-videntes os considerem como pessoas que terão tanto potencial quanto aquele que o que lhes for dado pelos que estão à sua volta”.

Desse modo, eles crerão em si, então vocês crerão em nós, e a nossa deficiência não será nada mais do que uma diferença. Uma diferença compreendida, aceita, suportável e suportada, uma diferença quase banal, numa simples palavra, uma diferença.¹⁰

N o t a s

1. Apud María de los Ángeles Soler. Seminario de iniciación a la tiflogía. Curso por correspondencia del Servicio Español de la ceguera como carencia, Madrid, ONCE, S/D, p. 23.
2. Cf., por exemplo, Descartes. “La dioptrique”, in Oeuvres et Lèttres, Paris, Gallimard, 1952, I.
3. “La cécité et la vie estudiantine”, in Les aveugles au travail (org. Philippe Chazal), Paris, le cherche midi, 1999, p. 48. Com certeza, o autor da passagem, ao falar em compensação, aplicava o conceito no seu sentido pleno, que, como já vimos, se traduziria em substituição. Traçados os devidos limites, a compensação existe, sem dúvida.
4. “Arts et spectacles”, in Idem, p. 113.
5. Idem, p. 120.
6. “This true my form is something odd, / But blaming me is blaming God; / Could I create myself a new / I would not fail in pleasing you. / If I could reach from pole to pole / Or grasp the ocean with a span, / I would be measured by the soul; / The mind’s the standard of the man” (apud Pete [PeetFeet] Marsden [<http://www.zoraskindom.freemove.co.uk/elintro.htm>]).
7. “Expérience de l’Entreprise Michelin”, in Les aveugles au travail, *op. cit.*, p. 66.
8. Idem, p. 67.
9. Ver, por exemplo, René Gouarné. “La cécité et la vie estudiantine”, in Idem, p. 42.
10. Les aveugles au travail, *op. cit.*, p. 285.

João Vicente Ganzarolli de Oliveira é Professor Dr. do Departamento de História e Teoria da Arte da Escola de Belas-Artes da UFRJ.

O autor agradece à Association Valentin Haüy, pela gentileza com que foi recebido, e também à Professora Ana Thereza Castro da Silva, pelas valiosas sugestões.